

Cadernos do



Ficha catalográfica

Cadernos do NEMP, n. 14, v.1 [org. Vitória Benfica da Silva; Jady Geovana Alves]. Rio de Janeiro: NEMP, Núcleo de Estudos Morfológicos do Português, 2023.

Anual

ISSN 2236-9325

1. Língua Portuguesa. 2. Morfologia. 3. Interface Fonologia-morfologia. 4. Semântica. 5. Interface Morfologia-semântica.

I. Núcleo de Estudos Morfológicos do Português. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Cadernos do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português)

Faculdade de Letras da UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151, sala D-01 (3º andar)
Cidade Universitária – Rio de Janeiro/RJ
CEP 21941-917
www.nemp-rj.com
nemp@gmail.com

Editor responsável:

Carlos Alexandre Gonçalves

Organizadoras deste número:

Vitória Benfica da Silva
Jady Geovana Alves

Pareceristas deste número

Bruno Cavalcanti Lima (IFRJ)
João Carlos Tavares da Silva (UFRJ)
Katia Emmerck Andrade (UFRRJ)
Marisandra Costa Rodrigues (UFF)
Roberto Botelho Rondinini (UFRRJ)

Revisores

Vitória Benfica da Silva
Jady Geovana Alves

Capa

Katia Emmerick Andrade

APRESENTAÇÃO

Chega a público o décimo quarto volume dos CADERNOS DO NEMP (Núcleo de estudos morfológicos do Português). Neste volume, foram selecionados trabalhos de final de curso de uma turma de 21 alunos de mestrado e doutorado, ministrada em 2023-1 pelo professor Carlos Alexandre Gonçalves. Não por acaso, a maior parte dos textos, criteriosamente avaliados por pareceristas *ad hoc*, aborda o cruzamento vocabular e as formações com *splinters*, pois o curso tratou exatamente do *continuum* composição-derivação.

No texto **Uma reflexão semiolinguística sobre cruzamento vocabular em textos publicitários**, Rafaela Cardoso Corrêa dos Santos desenvolve uma análise acerca de palavras formadas com o uso de cruzamento vocabular e que se tornam expressivas para a realização da intencionalidade discursiva de textos publicitários. Busca verificar o papel significativo de formações vocabulares que possam contribuir com a finalidade discursiva de textos que visam a persuadir o leitor a consumir um produto ou um serviço. Para o desenvolvimento da compreensão das formações vocabulares, foram considerados os estudos de Gonçalves e de Basílio. Na análise da intencionalidade discursiva, toma como base os pressupostos teóricos da Semiologia, de Charaudeau.

Manoel Francisco Felismino Freires, num texto em coautoria com seus orientadores de TCC, analisa a ocorrência do Cruzamento Vocabular (CV) em onímonimos, procurando observar como são formados e como costumam se manifestar nesse tipo de palavra, que, na área da Onomástica, aplica-se a nomes comerciais. Para isso, explicitam o conceito de onímonimo para, a seguir, descreverem as formações de *corpus*. Observam que a utilização de nomes próprios tem por objetivo criar uma particularidade e essa marca individualizante é bastante empregada no âmbito comercial, pois as empresas buscam ser referências em certos serviços e, para isso, criam um vocábulo que logo se popularizam, tornando-se de grande valia para o sucesso de uma empresa/comércio.

O artigo **O estatuto morfológico do formativo-(p)ioca: entre a derivação e a composição**, de Eduardo Patrick Rezende dos Reis, tem como objetivo traçar um retrato preliminar do comportamento do formativo -(p)ioca, uma sequência morfológica responsável por compactar o sentido do vocábulo “tapioca”, na tentativa de mostrar que tal unidade configura um *splinter* (cf. GONÇALVES, 2011, 2019; GONÇALVES; ANDRADE, 2012; entre outros). Para tanto, coletou dados da plataforma Twitter, um dos ambientes virtuais em que a criatividade linguística parece encontrar seu apogeu. Para dar mais suporte à análise, foi feito ainda um tratamento acústico de algumas produções orais com o referido formativo, com o auxílio do programa computacional de análise prosódica PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2023). Os resultados obtidos mostram que o formativo em exame, em se tratando de um *splinter*, apresenta características híbridas e concluiu que o melhor caminho para acolher um formativo como -(p)ioca é assumir uma abordagem de categorização com base na alocação dessa entidade em um *continuum* de prototipicidade; mais especificamente, considera-se posicioná-la em um ponto intermediário desse *continuum*.

Em **Bora maratonar no oldflix: uma análise do splinter -flix no português do Brasil**, Lucas Benamor Martins se dedica à análise do *splinter* -flix no português brasileiro. O objetivo principal da pesquisa é determinar qual dos três esquemas básicos traçados por Gonçalves e Almeida (2012) melhor descreve as formações complexas que comportam a

partícula não nativa — tais como “pobreflix” e “novelasflix” —, além de avaliar o grau de nativização da mesma. Com esse intuito, foi adotado o aparato teórico-metodológico da Morfologia Construcional (BOOJI, 2005, 2007, 2010) e foram coletados dados da internet. Ao final do texto, conclui que o processo de formação de palavras a partir do splinter *-flix*, ainda pouco produtivo, se enquadra no esquema básico da sufixação — [[X]_x Y]_y — e que o *splinter* apresenta um grau baixo de nativização, inclusive se associando a radicais estrangeiros — tais como “old” e “chess”..

O texto **Wiki: *splinter* não nativo ou forma livre?**, de Mayara Gak Assumpção, tem como objetivo principal discutir o estatuto morfológico do vocábulo *wiki*. Com base na Morfologia Construcional de Booij (2010) e nos estudos de Gonçalves (2016, 2019), sobre *splinters* não nativos e formas livres, analisa os principais usos e contextos em que se insere esse vocábulo.. Além disso, exemplifica, também, o uso do vocábulo como forma livre, de modo a chegar a uma conclusão acerca de seu estatuto.

Fechando o volume, Matheus Victor Alves Pereira discorre sobre as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas do formativo *-mente* com base em estudos como os de Cintra (1983) e Basilio (1998). Tem-se como objetivos específicos i) apresentar um breve percurso da gramaticalização do formativo *-mente*, apontando, em seguida, o que diz a tradição gramatical; ii) explicitar seus traços fonológicos, morfológicos e sintáticos e a interpretação dos advérbios em *-mente* segundo a perspectiva de um continuum derivação-composição (cf. SILVA; CARVALHO; ALMEIDA, 2008); iii) discutir o tratamento dado às formações X-mente nos materiais didáticos ressaltando a necessidade de explorá-las de maneira mais abrangente, e iv) mostrar alguns resultados obtidos através da explanação da complexidade dos formativos em questão em sala de aula.

Fica ao leitor uma pequena amostra de quão fluidas são as fronteiras entre e derivação e a composição.

Vitória Benfica da Silva
Jady Geovana Alves
(Organizadoras deste número)

Sumário:

Apresentação e créditos 3

ARTIGOS INÉDITOS

Uma reflexão semiolinguística sobre o cruzamento vocabular em textos publicitários 7
Rafaela Cardoso CORRÊA DOS SANTOS

A marciagista da esthética: primeiros olhares sobre o cruzamento vocabular em oniônimos 21
Manoel Francisco Felismino FREIRES
Carlos Alexandre GONÇALVES
Vitor de Moura VIVAS

O estatuto morfológico do formativo *-(p)ioca*: entre a derivação e a composição . 37
Eduardo Patrick REZENDE DOS REIS

Bora maratonar no oldflix: uma análise do splinter *-flix* no português do Brasil ... 51
Lucas Benamor MARTINS

Wiki: *splinter* não nativo ou forma livre? 61
Mayara Gak ASSUMPÇÃO

O sufixo não aderente *-mente* na Educação Básica: relato de experiência 69
Matheus Victor Alves PEREIRA